

Profanação das formas-de-vida: uma oposição aos dispositivos de poder

Wallace Almeida Neves da Silva

Mestrando em Filosofia na UERJ

Bolsista da FAPERJ

<https://lattes.cnpq.br/7339073938972716>

wallacefilosofia9@gmail.com

29

Nos dias atuais, as sociedades ocidentais enfrentam um colapso nas formas tradicionais de identidade. As formas-de-vida contemporânea já não suportam a rigidez da metafísica tradicional, que reduz os sujeitos a existências de caráter fixo. A lógica aristotélica, ao separar *zoé* e *bios*, forneceu um alicerce para que o pensamento político ocidental estruturasse uma política fundada na exclusão. O presente resumo tem como objetivo pensar em como podemos assumir esse esgotamento da identidade, sem sermos assimilados pelos dispositivos de controle. Para tanto, faz-se urgente trazer a ideia de profanação ao diálogo para construirmos modos de existências que não se separem da sua prática.

Segundo Tiqqun, categorias como “intelectual”, “trabalhador”, “assassino”, “militante” perderam força representacional. Apesar disso, o Império – noção contemporânea de poder - aparece a fim de colonizar a subjetividade, sobretudo, por meio de dispositivos tecnológicos como as *big techs*. O Império demonstra o seu poder, mas também a sua fraqueza “o Império, extrai desta toda sua força, mas também a imensidão de suas fraquezas” (Tiqqun, 2019, p. 202). Apesar de seus esforços em capturar a vida e modulá-la conforme a lógica do capitalismo, ainda há desvios e práticas que escapam a essa normatividade.

A partir de uma investigação teórico-bibliográfica, trazer Wittgenstein para esta discussão é fundamental. Em sua obra *Investigações Filosóficas*, o autor rompe com a concepção tradicional da linguagem como espelho do mundo, aquela de que “cada palavra tem uma significação” (Wittgenstein, 1999, p. 27). Ele mostra que os enunciados adquirem sentido em contextos práticos – nos jogos de linguagem. Essas formas de vida

estabelecidas pelo filósofo austríaco, contrapõem-se diretamente à tentativa Império de fixar e representar identidades, como explicitado por Tiqqun.

Matias Saidel analisa que o conceito de forma-de-vida, reelaborado por Agamben, propõe a superação das dicotomias clássicas do pensamento ocidental, como a oposição entre o biológico e o cultural, permitindo com que o ser humano possa assumir a sua forma pré-determinada, cuja existência é inseparável de sua prática. Práticas que nada representam além de si mesmas, abertas ao comum, como o exemplar em *A comunidade que vem* “Exemplar é aquilo que não é definido por nenhuma propriedade, excepto o ser-dito” (Agamben, 1993, p. 16), tornam-se possíveis quando profanamos nossas formas-de-vida. Portanto, a profanação agambeniana aqui se destaca, pois, ela articulada com a noção de jogos de linguagem em Wittgenstein, oferece uma via potente para repensarmos certas práticas e inventar novos usos que resistam à captura da vida pelo Império.

Palavras-chave: Formas-de-vida. Linguagem. Política. Identidade. Profanação. Dicotomias tradicionais.

Bibliografia

AGAMBEN, G. *A Comunidade que vem*. Tradução de António Guerreiro. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

SAIDEL, M. Form(s)-of-Life. Agamben's Reading of Wittgenstein and the Potential Uses of a Notion. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 37, n. 1, p. 163-186, 2014.

TIQQUN. *Contribuição para a guerra em curso*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. São Paulo: n-1 edições, 2019.